

O Campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia: um olhar histórico para três décadas da produção de pós-graduação das regiões Sul e Sudeste

Prof.^a Dr.^a Carla Giovana Cabral¹

Este trabalho trata de apresentar, discutir e analisar dissertações e teses oriundas de programas de pós-graduação das regiões Sul (S) e Sudeste (SE), na perspectiva dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia (EFCT), acurando o olhar para aspectos, tais como autores/as e orientadores/as, instituições, áreas de conhecimento, ano da produção e temáticas, entre outros. Esses aspectos contribuem para uma leitura histórica e epistemológica do campo, tentando indicar caminhos pelos quais se deu a circulação do conhecimento científico de pós-graduação e, como isso contribuiu para a constituição dos EFCT no Brasil. Nas regiões S e SE, foram encontrados, entre 1990 a 2011, um total de 77 trabalhos. Esse número resultou de uma análise dos resumos com o qual nos deparamos a partir da pesquisa bibliográfica realizada em bases de dados nacionais e programas de pós-graduação. Além do levantamento bibliográfico e sua análise, iniciamos uma pesquisa na área da história da ciência e com viés de memória com professoras, de forma a valorizar sua trajetória e contextualizá-la no bojo do campo científico. A exemplo do que identificamos na produção científica das regiões Norte (N), Nordeste (NE) e Centro-Oeste (CO), no S e SE há uma variedade de áreas e temáticas, indicando um tecer interdisciplinar. Embora neste trabalho centremo-nos nas regiões S e SE, apresentaremos também resultados da análise preliminar realizada no N, NE e CO, a título de comparação. A análise dos resumos de todas as regiões localiza as primeiras publicações a partir da década de 1990. Há trabalhos publicados em todas as regiões brasileiras na década de 1990, exceto no Norte. Mas é a partir dos anos 2000 que a produção se amplia. Acreditamos que essa amplitude esteja refletindo o surgimento e crescimento de grupos de pesquisa e núcleos de gênero e feminismo, assim como a incorporação de áreas de concentração e linhas de pesquisas articulando gênero, ciência e tecnologia em programas de pós-graduação e a contribuição que o aumento dos espaços para os EFCT em eventos científicos regionais, nacionais e internacionais, seja em simpósios temáticos, grupos de trabalho ou mesas-redondas. As professoras Ângela Maria Freire de Lima e Souza e Marília Gomes de Carvalho sobressaem-se em número de orientações de teses e dissertações no campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia no período estudado.

Palavras-chaves: estudos feministas da ciência e tecnologia; publicações científicas.

The field of Women's Studies of Science and Technology: a historical look at three decades of postgraduate production in the South and Southeast

This work presents, discuss and analyzes dissertations and theses coming from postgraduate the South programs (S) and Southeast (SE), from the perspective of Feminist Studies of Science and Technology (EFCT), looking for aspects such as authors, advisors, institutions, areas of expertise, years of production and themes, among others. These aspects contribute to a historical and epistemological reading of the field, trying to indicate ways in which it gave the circulation of scientific knowledge postgraduate and how it contributed to the establishment of EFCT in Brazil. In S and SE regions, were found from 1990 to 2011, a total of 77 jobs. This figure resulted from an analysis of abstracts with which we face from literature held in national databases and postgraduate programs. In addition to the literature review and analysis, we began a search in the field of history of science and recall bias with teachers in order to enhance their career and contextualize it in the midst of the scientific field. As has identified in the scientific production of the North (N), Northeast

¹ Professora da área Ciência, Tecnologia e Sociedade da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Pandora – Democracia e Gênero em Ciências e Tecnologia. Coordenadora do Grupo do Brasil na Rede Ibero-Americana de Ciência, Tecnologia e Gênero.

(NE) and Midwest (CO), the S and SE there are a variety of areas and issues, indicating an interdisciplinary weave. Although this work let us focus on the regions S and SE also present results of the preliminary analysis carried out in N, NE and CO, by way of comparison. The analysis of the abstracts of all regions located the first publications from the 1990s There are papers published in all Brazilian regions in the 1990s, except in the north. But it is from the 2000s that production increases. We believe that this amplitude is reflecting the emergence and growth of research groups and gender and feminism cores, as well as the incorporation of focus areas and research lines articulating gender, science and technology in postgraduate programs and the contribution that increase in spaces for EFCT in regional, national and international scientific events, either in thematic symposia, workshops or roundtables. The teachers Angela Maria Freire de Lima and Souza and Marília Gomes de Carvalho stand in number of theses and dissertations guidelines in the field of Women's Studies of Science and Technology during the study period.

Key-words: feminist studies on science and technology; scientific publications.

Introdução

Inicialmente, eu gostaria de tecer brevemente algumas considerações sobre o campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia (EFCT), sua origem política e teórica, assim como alguns desdobramentos ocorridos no Brasil. Essa discussão será travada mais especificamente em torno de enfoques e tendências oriundos dessa gênese dos EFCT, com o objetivo de verificar como deles se apropriaram dos trabalhos acadêmicos brasileiros, especialmente dissertações e teses brasileiras, pesquisadas no âmbito do projeto “Mapeamento nacional de publicações do campo dos estudos feministas da ciência e da tecnologia no Brasil”, cujas análises em torno da caracterização e estilos de pensamento estão em andamento.

Uma vez que algumas questões tenham sido abordadas em relação ao escopo de fundamentação teórica, em uma seção posterior, apresento esses trabalhos acadêmicos, focando a produção das regiões Sul e Sudeste. Busco ainda uma aproximação com as dissertações e teses das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste, descritas em trabalho anterior², como forma de traçar um panorama nacional. Como discutirei nessa seção, a seleção dos trabalhos que serão abordados neste artigo nos mostra que possivelmente uma caracterização mais precisa na direção dos EFCT necessita de um entrelaçamento dessa produção com outras publicações científicas que ensejem mais elementos para se (re) conhecer o campo e o estudo dos estilos de pensamento.

O exame dos dados oriundos da pesquisa bibliográfica constata que ela aponta a identificação de um determinado trabalho com o campo interdisciplinar em questão. Mas, por si só, não é suficiente para desenhar a constituição do campo ou seu estilo de pensamento. Quero dizer que a dissertação ou tese selecionada previamente necessita ser analisada à luz de autoras/es e orientadoras/es e suas trajetórias e redes acadêmicas, em combinação com aspectos como ano de publicação, instituição, área de conhecimento, programa de pós-graduação, linha de pesquisa, e

2 CABRAL, Carla. “Os Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia no Brasil: caracterização inicial da produção acadêmica de pós-graduação (Norte, Nordeste e Centro-Oeste). X Congresso Ibero-Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Paraguai, outubro de 2014. (No prelo).

bibliografia utilizada, por exemplo.

Uma dissertação ou tese constitui um tipo/gênero de publicação científica que perpassa a esfera da comunicação científica, circulação e validação do conhecimento científico moderno. Revistas, livros e eventos científicos representam outros tipos/gêneros de publicação, espaços outros para essa circulação e validação do conhecimento produzido. Assim, mesmo que encontremos elementos que inicialmente indiquem o pertencimento de um determinado tipo de trabalho ao campo dos EFCT, é interessante considerar os movimentos das/os autoras/es e orientadoras/es no sentido de serem (re) conhecidas/os como pesquisadoras desse campo, ou seja, se publicam/participam em dossiês, livros e capítulos específicos, mesas-redondas, conferências, grupos de trabalho e/ou simpósios temáticos, por exemplo, e quais linhas declaram em seus currículos como pertencentes às suas pesquisas. Esse movimento de pesquisa e análise da constituição do campo dos EFCT e sua identidade caminha na direção de localizar e compreender os estilos de pensamento que o integram em seu percurso de cerca de 30 anos. Este artigo pretende contribuir com essa discussão.

Algumas considerações sobre a origem do campo

Eulalia Pérez Sedenõ e Marta González García, duas importantes pesquisadoras ibero-americanas da área dos EFCT, definem o termo epistemologias feministas como um campo que “se aplica a um heterogêneo grupo de trabalhos que abarca uma grande diversidade de posturas, tanto aquelas relacionadas à epistemologia quanto ao feminismo” (2002, p.1). Segundo elas, há uma linha praticamente comum entre essas posturas, quando colocam certas posições básicas da epistemologia tradicional em xeque e passam a discutir um sujeito do conhecimento como um indivíduo histórico, corporificado, com interesse, emoção, razão (2002). Em outras palavras, que o sujeito do conhecimento tem um gênero. Com o objetivo de oposição ao sexismo e ao androcentrismo refletidos na prática científica, as epistemologias feministas se desenvolveram a partir de várias áreas, em um contexto de forte crítica à ciência e à tecnologia modernas, colocando questões as mais diversas, em contextos da segunda metade do século XX. Da pergunta inaugural “por que tão poucas” e da que se seguiu - “por que tão lentamente” - derivaram uma série de trabalhos voltados à 1) recuperação de figuras femininas na história das ciências e da tecnologia; 2) revisão e renovação de currículos, motivação de meninas e mulheres para estudar ciências, especialmente aquelas ligadas às chamadas ciências exatas; 3) incorporação da categoria gênero para fazer a crítica à ciência e à tecnologia; 4) discussões sobre a existência de uma ciência feminina ou feminista; 5) (des)construção de preconceitos de gênero, crítica ao determinismo biológico, etc. Nas questões que foram suscitadas, observou-se que os enfoques tendiam a duas grandes linhas, “a questão da mulher na ciência” e a da “ciência no feminismo”. No que consistem?

Segundo González García e Pérez Sedeño (2002), o primeiro enfoque jogava luzes em abordagens com caráter mais histórico, sociológico e mesmo pedagógico, na tentativa de conferir maior vivibilidade às mulheres na história das ciências e da tecnologia. Para tal, lançou mão de estudos sobre tradições esquecidas; barreiras sociais e institucionais; escassez de mulheres em ciência e tecnologia; e mecanismos de exclusão: explícitos, formais, institucionais (oportunidades tardias de inserção na ciência e na tecnologia); ideológicos ou (pseudo) científicos (ideias de inferioridade intelectual da mulher); e implícitos ou informais (discriminação territorial e hierárquica).

O segundo enfoque, de acordo com as mesmas autoras, centra-se em aspectos epistemológicos, detendo-se em abordagens sobre usos e abusos sexistas da ciência e da tecnologia (teorias como instrumentos de sexismo, racismo exploração de classes); sexismo e androcentrismo em ciência e tecnologia (promovidos em etapas da investigação); significado sexual da natureza e da investigação; linguagem da ciência (metáforas e explicações), etc. Essas abordagens pertenceriam a cinco posturas epistemológicas: empirismo ingênuo; enfoque psicodinâmico; teoria feminista do ponto de vista; empirismo feminista contextual; e epistemologias pós-modernas. Como esses enfoques se refletem na produção científica brasileira? Esses enfoques nos auxiliam a compreender a produção acadêmica da pós-graduação ao longo do tempo e caracterizá-la?

Antes de intentarmos a complexa tarefa de buscar uma análise ou caracterização possível desses trabalhos, creio que é importante trazermos alguns outros elementos à discussão. Um deles é pontuar que a discussão que o feminismo lançou sobre o conhecimento integra e corrobora com uma importante crítica à ciência moderna e sua ideia de pretensa neutralidade, autonomia e objetividade científicas. Em outras palavras, busca solidificar a concepção construtivista da ciência, situando-a como um empreendimento social e historicamente construído, passível de uma série de influências, interesses e impactos na vida em sociedade, no meio ambiente.

De uma maneira geral, quando se reporta a essa discussão, retomam-se teorias oriundas dos países centrais, das suas experiências acadêmicas e políticas naquele contexto histórico. Lembremos que é na década de 1970, mais precisamente em 1978, que se reflete na produção científica norte-americana a articulação entre gênero e ciências, grafado no artigo de Evelyn Fox Keller. Faz mais de 30 anos.

No Brasil, uma certa institucionalização e o reconhecimento dos EFCT - tanto no campo dos Estudos Ciência, Tecnologia e Sociedade (ECTS) quanto no campo dos Estudos Feministas e de Gênero (EFG) – é relativamente recente e paulatina. Em termos de publicação científica, temos situado esse momento inaugural cerca de 20 anos depois do artigo de Keller, mais especificamente na década de 1990, quando é publicado, em 1998, nos Cadernos Pagu, o artigo “Aventureiras” nas ciências: Refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil”, de Maria Margaret

Lopes. Será também nessa década que se inicia a produção de teses e dissertações na área, considerando os resultados aqui apresentados. Nos anos 2000, o número de trabalhos de pós-graduação cresce, torna-se mais constante; conquistam-se espaços em importantes eventos e se investe em eventos específicos. A produção de trabalhos de pós-graduação se insere em um contexto mais amplo da circulação do conhecimento científico da área e suas estratégias discursivas.

Por exemplo, em 2002, a área passou a figurar no “Seminário Internacional Fazendo Gênero”, o mais importante evento da área dos Estudos Feministas e de Gênero do Brasil, com mesa-redonda e grupos de trabalho. Desde então, nesse evento, houve uma ampliação das discussões, que estavam dispersas em diferentes simpósios temáticos, conforme pesquisas realizadas anteriormente (CABRAL, 2008; 2014). Outros espaços dessa natureza para a circulação do conhecimento dos EFCT foram também conquistados, no “Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia”, “Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade”, “Reunião de Antropologia do Mercosul” e “Esocite/Simpósio Nacional Tecnologia e Sociedade”, entre outros. A realização do X Congresso Ibero-Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero (Ibero), em abril de 2010, no Brasil, na cidade de Curitiba, trouxe possibilidades de um debate ampliado, pensando os contextos da América Latina, e promessas de uma maior visibilidade às pesquisas, seus resultados e influência na formulação de políticas públicas. Além disso, foram surgindo eventos mais específicos, tais como o Seminário Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia, organizado pelo Grupo de Pesquisa Pandora – Democracia e Gênero em Ciência e Tecnologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) nos anos de 2012 e 2014, em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte; e o Simpósio Latino-Americano de Estudos Feministas em Ciência e Tecnologia, que ocorreu entre os dias 3 e 4/08/2015, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sem falar na atuação consolidada de grupos como o Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da Universidade Federal de Santa Catarina (Nigs/UFSC), Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações de Gênero e Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Getec/UTFPR), Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre a Mulher, da Universidade Federal da Bahia (Neim/UFBA), Núcleo Pagu, da Unicamp, entre outros. Desses grupos também têm sido oriundos dossiês temáticos

Se, por um lado, temos percebido essa maior visibilidade, por outro apenas recentemente nos lançamos na direção de (re)conhecer a nossa produção científica e suas especificidades. Esse (re) conhecimento traz possibilidades de registrarmos e refletirmos nossa a constituição do campo e também, por exemplo, quais enlaces seriam possíveis para se pensar em âmbito nacional e nos contextos universitários em uma política pública em gênero, ciências e tecnologia – acesso, permanência, inclusão, educação. Creio que também é importante pensarmos que (re) conhecer

nosso campo de estudos e militância trafega em torno de constituir a história, a memória do nosso trabalho, das pesquisadoras/es pioneiras, das novas gerações. A questão também se pauta por compreendermos como circulam nossos trabalhos no campo dos Estudos de Gênero e Feminismos (EGF) e também em campos como o de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS).

Até a realização do projeto "Mapeamento de Publicações do Campo Interdisciplinar dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia", não havia uma pesquisa nacional que nos informasse quando nossa produção acadêmica articulando gênero, ciência e tecnologia se iniciou no País, em quais programas de pós-graduação foram produzidos esses trabalhos, quem os escreveu e orientou, quais temáticas foram abordadas Como disse em outro artigo (CABRAL, 2010), nossa produção tem a dispersão como uma de suas características (LOPES, 1998; CABRAL, 2006), e também a interdisciplinariedade.

Um movimento mais efetivo na direção de um (re) conhecimento do campo principia no final do primeiro decênio do século XXI. Conforme texto escrito em 2014 para o Congresso Ibero-americano de Ciência, Tecnologia e Gênero (no prelo), em 2008, publiquei um artigo que discutia a presença dos EFCT no Seminário Internacional Fazendo Gênero. No mesmo ano, Silvana Bittencourt publicou um trabalho sobre a "relevância e contemplação" da temática gênero e ciências no cenário brasileiro (2008); Luzinete Simões Minella pesquisou artigos em revistas brasileiras, discutindo a interseção gênero, ciência, etnia e raça (2013) e Maria Margaret Lopes, Rebecca Feltrin, Bruna de Vasconcelos e Maria de Cleófas Alencar investigaram o campo nas edições dos congressos ibero-americanos de ciência, tecnologia e gênero. Margaret Lopes foi provavelmente uma primeira autora a apontar mais objetivamente a dispersão do nosso campo, em vários de seus artigos, e se preocupar em construir uma reflexão sobre a constituição dos EFCT (LOPES, 1998; LOPES, 2006; LOPES e COSTA, 2005).

No trabalho que publiquei em 2008, não construí categorias de análise ou me ative uma caracterização propriamente dita. Busquei identificar quais espaços ocupava ou não o campo dos EFCT nas edições do Seminário Internacional Fazendo Gênero, olhando, especialmente as áreas de conhecimento às quais pertenciam os trabalhos e seu percurso histórico. Naquela ocasião, pontuei que as temáticas mostravam-se diversas, circulavam na interdisciplinaridade e que havia uma "presença destacada de teorias e métodos das Ciências Sociais e da História das Ciências nos trabalhos que circularam no Fazendo Gênero, de 2002 a 2006" (2008, p. 6).

Em sua pesquisa, Silvana Bittencourt buscou mapear as referências bibliográficas mencionadas em sites sobre o tema "Gênero e Ciência" (2008, p. 1). Ela também dedicou-se a construir um banco de dados "a fim de sistematizar os textos indicados com maior frequência nesses sites consultados, finalizando com um breve dossiê sobre o tema proposto" (2008, Idem, p. 1). Dentre os trabalhos, encontrou 1) "questionamentos sobre os valores presentes na ideia de

objetividade científica 'universal'; 2) “biografias de mulheres e suas contribuições para o conhecimento científico”; 3) “carreiras científicas e desafios de gênero presentes na profissão”; e 4) “relações de gênero, ciência e educação”. Como vemos, essa autora, como eu, deparou-se com desafios ao pesquisar em bases de dados eletrônicas. Segundo ela, “alguns textos encontrados, mesmo classificados com as palavras-chave “gênero e ciência” não tratavam do tema diretamente. [...] pois certamente há diversos outros textos que tangencialmente tratam deste tema, mas pela metodologia utilizada acabaram ficando de fora” (2008, p. 1-2).

Luzinete Minella (2013) estudou e buscou identificar temáticas prioritárias em gênero e ciências no Brasil, no contexto de uma reflexão sobre as interseções entre gênero e raça/etnia, destacando três grandes tendências: 1) “análises sobre a participação das mulheres na academia, acesso ao ensino superior, às carreiras científicas, à produção científica e às associações; 2) “críticas à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência, análises sobre os impactos da ciência e das tecnologias sobre o trabalho e a saúde das mulheres”; e 3) “história e trajetória de cientistas e viajantes”.

Outro estudo, publicado por Lopes et al (2014), pesquisou, no Ibero e Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (Esocite), “em que medida, em alguns países latino-americanos, os estudos de gênero conferem atenção aos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e estudos de CTS a gênero”. Os artigos encontrados foram agrupados em “grandes temas”, constituintes da caracterização, que assim se deu: 1) “trajetórias/história de mulheres em C&T”; 2) carreiras de mulheres em CT e política científica e tecnológica; 3) “epistemologias/teorias de gênero e C&T”, 4) “construções científicas/tecnológicas de gênero em saúde, medicina e biotecnologia; 5) “educação em GC&T”, 6) divulgação científica e mídia: imagens de gênero e C&T”; 7) “TICs e usos da C&T”; 8) e “recursos naturais, desenvolvimento e saberes populares”.

Essas tendências/temáticas/categorias constituem lentes analíticas por meio das quais busquei uma caracterização dos trabalhos brasileiros. Foram inicialmente utilizadas para a apreciação das dissertações e teses das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e, neste artigo, contribuirão para a caracterização da produção do Sul e do Sudeste. Essa leitura agrega a identificação das áreas de conhecimento, o percurso histórico, a autoria e a orientação, como parte do percurso metodológico de estudo dos estilos de pensamento do campo dos EFCT, o que, neste texto, ainda não será possível aprofundar. O quadro 1 é uma tentativa de sistematizar essas tendências/temáticas/categorias.

Mapeamento o campo

A pesquisa “Mapeamento” lançou mão da investigação bibliográfica, direcionando seu

trabalho de campo para bases de dados eletrônicas. Em bases como o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (BTD/Capes), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDBTD/ Ibict), acervo de bibliotecas de universidades públicas, de programas de pós-graduação e currículos Lattes de pesquisadoras/es buscamos dissertações e teses defendidas entre 1980 a 2011, cobrindo um período de aproximadamente três décadas. Além da pesquisa bibliográfica há uma investigação em torno da memória social do campo, por meio de entrevistas gravadas em audiovisual com pesquisadoras brasileiras.

Na pesquisa bibliográfica, elencamos palavras-chaves para orientar a busca nas bases de dados. Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: gênero e ciência; gênero e tecnologia; gênero, ciência e tecnologia; mulher e ciência; mulher e tecnologia; mulher e engenharia; gênero e engenharia; estudos feministas da ciência e da tecnologia; inclusão; igualdade; gênero.

Nossas primeiras buscas nos trouxeram uma gama bastante grande de trabalhos, muitos dos quais, após uma leitura mais detida de elementos pré-textuais, como o resumo, não nos indicou um pertencimento ao campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia.

Como já mencionamos anteriormente, um campo interdisciplinar é complexo em termos de circulação do conhecimento. No contexto da produção de conhecimento científico moderno – paradigma dominante da ciência – configuram-se uma série de elementos constitutivos das comunidades de cientistas e seus contextos em termos institucionais. Quero me remeter mais diretamente aqui ao fato de que observaremos a seguir que a maioria dos trabalhos origina-se de programas em que não há áreas de concentração ou linhas de pesquisa que aludem diretamente aos estudos feministas da ciência e da tecnologia; gênero, ciência e tecnologia; gênero e ciências; ou gênero e tecnologia, ou mesmo estudos de gênero e feminismo, para citar algumas possíveis marcas identitárias. Retomaremos essa questão nas considerações.

Das mais de 450 dissertações e teses encontradas na primeira etapa da pesquisa com as palavras chaves mencionadas, a análise realizada reduziu em muito esse número. Assim, nesta etapa da pesquisa, antes da construção dos estilos de pensamento dos EFCT no Brasil, trabalhamos com o seguinte escopo: um trabalho na Região Norte (N); 16 na Região Nordeste (NE); sete no Centro-Oeste; 31 no Sul; e 45 na Região Sudeste.

Em artigo apresentado no X Congresso Ibero-Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero (2014), discuti os dados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Neste artigo, me dedicarei aos resultados da pesquisa no Sul e Sudeste do Brasil, buscando uma caracterização a partir dos seguintes aspectos dos trabalhos: ano de publicação, instituição, área, programa de pós-graduação, linha de pesquisa, autoria, orientação e elementos pré-textuais; mais a caracterização com base nas tendências/temáticas/categorias elencadas anteriormente. Nas conclusões deste texto, retomarei as

três primeiras regiões trabalhadas e problematizarei alguns aspectos desses resultados, na direção de aprimorar as análises sobre a produção acadêmica em relação à constituição do campo, considerando sua trajetória histórica e epistemológica.

Mapeando a Região Sudeste

Do Sudeste do Brasil, selecionamos nesta etapa da pesquisa 46 trabalhos, são 28 dissertações de mestrado e 18 teses de doutorado, oriundas de nove instituições públicas dos quatro estados da região. São elas: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (São Paulo), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) (Minas Gerais), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense (Rio de Janeiro) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Um pouco mais da metade dos trabalhos concentra-se nas universidades paulistas e cerca de um terço nas instituições cariocas; nas universidades mineiras, foram produzidos aproximadamente 10% do total; e na instituição capixaba, 4%.

Uma outra questão a que me remeto é a distribuição dos trabalhos da década de 1990 a 2011 e sua periodicidade. Dissertações e teses aqui selecionadas para a análise começam a ser publicadas em 1991 e até o final dessa década a periodicidade varia entre um a dois trabalhos por ano, configurando uma constância. Não encontramos publicações somente em 1994. Dos anos 2000 a 2011, há uma média de três trabalhos por ano, mas há anos em que há seis trabalhos publicados (2006); e outros sem nenhum (1999, 2003, 2009 e 2010). De qualquer forma, o que se constata é que a produção aumenta e mantém a constância, exceto pelo ano de 2011, em que encontramos apenas 1.

A exemplo das regiões já examinadas, as dissertações e teses das universidades paulistas se remetem a uma variedade de áreas, havendo um destaque para a Política Científica e Tecnológica, Educação, História e Sociologia. Quinze trabalhos foram realizados na USP e 10 na Unicamp.

Na USP, não há a predominância de uma área em especial. Há três trabalhos em Educação (CARVALHO, 1991; ALMEIDA, 1996; e LIMA, 2004), três em História (MUNIZ, 1998; DIAS, 2002; e ROCHA, 2002); dois em Sociologia (CITELI, 2001; e BERGAMIN, 2001); em Enfermagem, outros dois (PEREIRA, 1995; e CARDOSO, 2001); em Geografia, Linguística, Arquitetura e Urbanismo, Antropologia Social e Ciências da Comunicação, apenas um trabalho em cada área (JESUS, 2000; BUENO, 2002; GONZAGA, 2004; OLIVEIRA, 2004; TASSARA, 2007).

Um terço dos 15 trabalhos poderia ser caracterizado segundo uma “crítica à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência” e/ou “epistemologia”. “Relações de gênero, ciência e

educação” caracterizam outras duas publicações. Há duas produções acadêmicas voltadas a reflexões em torno de gênero e tecnologia, articulando discussões sobre tecnologia moderna e comunicação, o que foge ligeiramente as tendências/temáticas/categorias sugeridas nos estudos sobre a produção científica dos EFCT.

Também está presente a abordagem de “trajetória de mulheres cientistas” e “análise sobre a participação das mulheres na academia, acesso ao ensino superior e às carreiras científicas” em dois trabalhos, um deles abordando a questão racial. Duas publicações caracterizam-se por abordar “recursos naturais, desenvolvimento e saberes populares”. E outras duas percorrem discussões em torno da história das técnicas e tecnologia, relacionando conhecimento à história das cidades e da arquitetura. Na USP, apenas Antonio Joaquim Severino orientou mais de um trabalho, um mestrado e um doutorado, na área da Educação, publicados em 1991 e 1996.

Na Unicamp, dos 10 trabalhos selecionados, seis pertencem à área da Política Científica e Tecnológica (FERREIRA, 2000; SILVA, 2005; OSADA, 2006; SOMBRIO, 2007; FIGUEIREDO, 2008; VASCONCELOS, 2011). Três deles foram orientados por Maria Conceição da Costa, dois por Léa Velho e um por Margaret Lopes - as três reconhecidamente pesquisadoras do campo dos EFCT. Os demais trabalhos são da área de Sociologia (PANZUTTI, 1992), História (OLIVEIRA, 2001), Educação (LOMBARDI, 2005) e Saúde Coletiva (MONTAGNER, 2007).

Nessa universidade, há três trabalhos que enfocam “carreiras” ou “trajetórias de mulheres” em áreas científicas ou tecnológicas. Duas publicações dedicam-se a temáticas em torno de “recursos naturais, desenvolvimento e saberes populares”. Outras duas analisam os “impactos da ciência e da tecnologia sobre o trabalho”. Há também dois trabalhos que podemos caracterizar como “críticas, reflexões sobre o gênero na ciência/epistemologia”. Uma das publicações dedica-se à “educação tecnológica”. Interessante notar que dentre essas publicações, seis enfocam mais visivelmente as relações entre ciência, tecnologia e gênero, o que não foi observado na produção da USP. Considerando essas duas instituições paulistas, as temáticas que predominam em metade dos trabalhos são as de “críticas, reflexões sobre o gênero na ciência/epistemologia” e “carreiras/trajetórias de mulheres em ciência e tecnologia”.

No Estado do Rio de Janeiro, encontramos, na UFRJ, UFF e UENF 13 trabalhos de pós-graduação – oito dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado, que começam a ser publicados em 1993.

Na UFRJ, há seis trabalhos de mestrado e quatro de doutorado: dois, na área de Engenharia de Produção (VASQUEZ, 1993; e POZZI, 1998); dois em Educação (TEIXEIRA, 1995; e MARAFON, 2006); outros dois em Comunicação (PFAEFFLE, 2001; e OLIVEIRA, 2004); e mais dois em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (BASTOS, 2002; e HOTT, 2000). As áreas de Sociologia e Antropologia (RIBEIRO, 2000) e Antropologia Social (ROHDEN, 2000). Na

UENF, há uma dissertação (LOUISE, 2010), na área de Políticas Sociais/Educação.

Nas instituições do Estado do Rio de Janeiro, há três trabalhos em torno de “construções científicas/tecnológicas de gênero em saúde, medicina e biotecnologia”; dois, analisando os “impactos da ciência e da tecnologia sobre o trabalho das mulheres”; dois, abordando “TIC's e usos da C&T”; dois, enfocando “relações de gênero e educação”; outros dois, discutindo “trajetórias”, um deles com o recorte racial. Podemos ainda caracterizar dois trabalhos como “crítica à ciência, reflexões sobre o gênero na ciência”. Nesse estado, observamos que a área que se destaca é a de “construções científicas/tecnológicas de gênero em saúde, medicina e biotecnologia”.

No Espírito Santo, mais especificamente na UFES, encontramos duas dissertações de mestrado, nas áreas de Educação e História. O primeiro trabalho foi publicado em 1996 (SILVA, 1996) e o outro em 2008 (SIQUEIRA, 2008), 12 anos depois. Ambos os trabalhos abordam “relações de gênero, ciência e educação”.

No Estado de Minas Gerais, selecionamos seis trabalhos, nas seguintes áreas: Extensão Rural (FIÚZA, 1997) e Economia Doméstica (GUIMARÃES, 2004), ambos na UFV, nos anos de 1997 e 2004, respectivamente. Há um trabalho na área de Educação, desenvolvido na UFJF, em 2004 (BALASSIANO, 2005); um em Desenvolvimento Social, na Unimontes, em 2008 (NIQUINI, 2008); e dois trabalhos na UFMG, um em Sociologia, em 2006 (GUEDES, 2006) e outro em Geografia, em 2008 (2008). Este último é o único doutorado. Todos os demais são mestrados. Nas instituições mineiras, a metade dos trabalhos aborda “trajetórias e/ou carreiras”, duas publicações enfocam “recursos Naturais, desenvolvimento e saberes populares.” e uma delas discute “construções científicas/tecnológicas de gênero em saúde, medicina e biotecnologia”.

Mapeando a Região Sul

Na Região Sul, encontramos 29 trabalhos de pós-graduação, 23 dissertações de mestrado e seis teses de doutorado, no período entre 1995 e 2011, em quatro instituições dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que são as seguintes: Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Excetuando-se 2001, que não localizamos trabalhos, todos os demais anos têm pelo menos uma dissertação ou tese. Há anos, como o de 2006, em que houve oito publicações, seis mestrados e dois doutorados, abrangendo todos os estados da região.

O Paraná é o estado com o maior número de trabalhos de pós-graduação. Todos os trabalhos publicados nesse estado são oriundos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da UTFPR, como veremos mais detalhadamente adiante.

O PPGTE da UTFPR desenvolveu 15 dissertações de mestrado na área de Tecnologia -

(STEIN, 2000; NASCIMENTO, 2002; TROTTA, 2002; MACHADO, 2003; ARAÚJO, 2004; CASAGRANDE, 2005; SILVA, 2006; DIAS, 2006; GUSSO, 2006; SOBREIRA, 2006; HIFALGO, 2007; NARDELLI, 2008; SOUZA, 2009; SALVADOR, 2010; e MUZI, 2011). E uma tese de doutorado (CASAGRANDE, 2011), que foi a primeira tese defendida no PPGTE.

Doze desses trabalhos foram orientados por uma única pesquisadora, Marília Gomes de Carvalho, que é uma das pioneiras da área dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia no Brasil, especialmente nas discussões que envolvem gênero, ciência e tecnologia, e que predominam na UTFPR com nuances entre si.

A maioria dos trabalhos de pós-graduação examinados confluem para uma caracterização em “Educação em gênero, ciência e tecnologia”, tendo estudado objetos/sujeitos diferentes, trabalho informal, organizações não-governamentais, universidades, cursos e estudantes universitários, aprendizagem industrial, geração de renda e população carcerária. Três publicações debruçaram-se em análises sobre os “impactos da ciência e da tecnologia no trabalho”, especialmente no contexto industrial. Um trabalho dedicou-se a pesquisar “trajetória de cientista”, em articulação com “construções científicas/tecnológicas de gênero em saúde, medicina e biotecnologia”. Uma outra publicação pesquisou as relações entre “tecnologia moderna e comunicação”. E uma última dissertação enfocou “tecnologias, sexualidade e prazer”.

Na UFSC, única instituição do Estado de Santa Catarina em que encontramos trabalhos de pós-graduação voltados aos EFCT, há quatro dissertações de mestrado, duas na área da Educação (MORO, 1995; e MACHADO, 2004), uma em Administração (SOUZA, 2000), e uma em Sociologia Política (BITENCOURT, 2006). Das cinco teses de doutorado, três foram publicadas no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) (NUERENBERG, 2005; ROCHA, 2006; e ADRIÃO, 2008), uma em Educação Científica e Tecnológica (CABRAL, 2006) e outra em Sociologia Política (BITENCOURT, 2011). Na UFSC, as áreas que se sobressaem são Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Três trabalhos da UFSC, dois mestrados e um doutorado, abordam as relações entre gênero, ciências e educação, perpassando questões voltadas à discussão das epistemologias feministas e também o papel da escola e da universidade na formação dos sujeitos. As questões que envolvem epistemologias feministas, feminismo e campo científico estão presentes em duas teses de doutorado. Três trabalhos, dois mestrados e uma tese de doutorado, enfocam a relação entre gênero, ciência e tecnologia, sejam as implicações das tecnologias modernas no trabalho das mulheres em indústrias, ou mesmo a cultura em cursos universitários de engenharia.

No Rio Grande do Sul, há seis trabalhos publicados: cinco na UFRGS; e um na UFPel. Na UFRGS, há quatro dissertações de mestrado, em diferentes áreas: em Sociologia (GAZANNA, 2002), Ciência Política (TONHOZI, 2006), Ensino de Física (LIMA JUNIOR, 2009), e Educação

em Ciências Química e da Vida e Saúde (MAGALHÃES, 2009). O doutorado foi realizado em Psicologia em 2009 (NARVAZ, 2009). Na UFPel, foi publicada uma dissertação de mestrado, na área da educação (PEREIRA, 2011).

No Estado do Rio Grande do Sul, a questão epistemológica e sua relação com determinados campos científicos, e também com o Ensino de Ciências e a cultura científica na universidade, estão presente em três dos seis trabalhos de mestrado. Foram estudadas, por exemplo, as relações de gênero e concepções de ciência com estudantes de Física da UFRGS e no Instituto de Química e Geociências da UFPel, além da articulação entre conhecimento, educação e psicologia. Em sentido semelhante, há uma pesquisa sobre os discursos das neurociências na divulgação científica e a construção de identidades de gênero. Em um outro âmbito, foram investigadas as relações entre gênero e tecnologia, no contexto da indústria microeletrônica, e novas tecnologias da informação e comunicação, na relação com o feminismo. Nota-se que há um certo relevo para articulações com o campo da Educação.

Examinando as caracterizações realizadas em relação aos trabalhos encontrados nas universidades do Sul estudadas, entendemos que a caracterização “Educação em gênero, ciência e tecnologia”, compreendendo que essa é uma tendência/temática/categoria que abarca nuances e, por vezes, relações com outras caracterizações, o que se deve, entre outras coisas ao caráter interdisciplinar dos EFCT.

Problematizando o campo: reflexões para uma próxima etapa

Neste item, gostaríamos de conduzir a discussão realizada para uma tentativa de síntese das áreas de conhecimento, caracterizações e orientações da produção de dissertações e teses brasileiras, no período de 1980/1990 a 2011, aliando os dados apurados e inicialmente examinados em relação às regiões N, NE e CO com as do SE e S.

Nas regiões SE e S caracterizamos 77 trabalhos com pertencimento ao campo dos EFCT. Essa publicação se inicia em 1991, com um mestrado, publicado na USP. As publicações na década de 1990 são pontuais, porém há um incremento a partir dos anos 2000, e uma certa constância, apesar de não termos encontrado trabalhos nos anos de 2003, 2009 e 2010, no Sudeste, e em 2001, no Sul. Os anos de 2004 e 2006 mostram uma boa publicação: em 2006, oito publicações no S; em 2004, seis publicações no SE. Nessas regiões, a orientação e autoria é majoritariamente feminina: há 17 orientações de professores e oito autores.

Nessa aproximação ao campo, percebemos que os trabalhos são oriundos de uma diversidade de áreas de conhecimento, porém sobressai-se a Educação. Considerando as caracterizações empreendidas, no SE as tendências/temáticas/categorias que têm mais relevo são a de “Relações de gênero, ciência e educação” e “trajetórias/carreiras científicas/participação das

mulheres na academia”. De uma maneira geral, o que se observa nos trabalhos é um entrecruzamento temático constante. Faremos algumas observações sobre isso a seguir.

Nas regiões N, NE e CO brasileiras, os 25 trabalhos que examinamos têm, tanto orientação quanto autoria, predominantemente feminina, ou seja, todos foram escritos e orientados por mulheres. A produção de trabalhos de pós-graduação se inicia em 1998, com um doutorado, publicado em maio, na UnB, e uma dissertação, defendida na UFBA em julho. O Nordeste é a região que nos apresenta o maior número de trabalhos (16) e uma constância em termos de publicações que influenciará o percurso temporal do campo nessas regiões do País. Desde 1998, excetuando-se o ano 2000, há pelo menos um trabalho publicado por ano no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, no período estudado. Percebemos, também, que uma área de conhecimento que se destaca é a educação, também a história das ciências, a história e a sociologia. Nessa primeira aproximação, vemos uma certa tendência dos trabalhos em abordar “carreiras” e “trajetórias” de mulheres na ciência e na tecnologia e também “educação, gênero, ciência e tecnologia”. O mesmo entrecruzamento temático observado nas regiões Sul e Sudeste também aparece aqui.

Como vemos, nas cinco regiões brasileiras, a publicação de trabalhos de pós-graduação do campo dos EFCT se inicia na década de 1990 e se incrementa a partir dos anos 2000. Esses trabalhos são oriundos de diversos programas de pós-graduação, majoritariamente da área de Ciências Humanas. Não foi possível a partir do exame dos elementos pré-textuais melhor identificar a quantidade de linhas de pesquisa em gênero presentes, pois muitos trabalhos não continham essa informação. Mas é possível sinalizar, a partir das informações disponíveis, que cerca de 25% dos trabalhos foram oriundos de programas de pós-graduação com linhas de pesquisa em gênero. Localizamos apenas um programa de pós-graduação em estudos de gênero e feminismo – o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares da Mulher (PPGNeim), criado em 2005, na Universidade Federal da Bahia. Identificamos também programas institucionalizados como interdisciplinares, caso dos PPGICH e PPGECT/UFSC, PPGTE/UTFPR e O PPGPCT/Unicamp, na maioria dos quais acreditamos terem sido construídos estilos de pensamento peculiares. As professoras Ângela Maria Freire de Lima e Souza (UFBA) e Marília Gomes de Carvalho (UTFPR) sobressaem-se em número de orientações no campo dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia no período estudado.

“Relações de gênero, ciência e educação ou Educação em gênero, ciência e tecnologia” e “carreiras” e “trajetórias” de mulheres na ciência e na tecnologia e também “educação, gênero, ciência e tecnologia” são as tendências que se sobressaem quando caracterizamos os trabalhos de todas as regiões. Essa caracterização foi bastante complexa, assim como a seleção dos trabalhos a serem analisados, haja vista, dentre outras coisas, a questão da interdisciplinaridade e das limitações de uma pesquisa bibliográfica em bancos de dados eletrônicos.

Se por um lado a interdisciplinaridade dificulta uma certa caracterização, por outro nos mostra que há a necessidade de se investir em uma metodologia mais apurada para lê-la, por isso eu considero que as reflexões aqui pontuadas constituem muito mais uma tentativa de se construir essa metodologia do que propriamente apresentar um cenário claro e preciso do campo, muito embora as discussões aqui grafadas nos ofereçam, pela primeira vez, um quadro importante da produção de pós-graduação e como essa produção contribui para a constituição do campo dos EFCT no Brasil. Em outras palavras, ela marca as origens das pesquisas e nos permitirá, em momento posterior, localizar os estilos de pensamento que estão na constituição histórica e epistemológica do campo.

A partir de uma concepção construtivista de ciência, penso, com base na sociogênese do conhecimento de Ludwick Fleck, que a ciência “consiste em algo organizado por pessoas de modo cooperativo (SCHÄFER e SCHNELLE, 2010, p. 15). Esses autores, ao analisarem a obra de Fleck, nos dizem também que a estrutura sociológica e as convicções que unem os cientistas devem ser consideradas antes das convicções empíricas ou especulativas dos indivíduos. Seria essa propriedade denominada a partir dos conceitos de coletivo de pensamento e estilo de pensamento. Segundo Schäfer e Schnelle (2010, p. 16), o primeiro conceito trata da “unidade social da comunidade de cientistas de uma disciplina”; e o segundo conceito enfoca “os pressupostos de pensamento sobre os quais o coletivo constrói seu edifício de saber”. Dessa forma, podemos traçar o esboço epistemológico do saber.” (SCHÄFER e SCHNELLE, 2010, p. 26).

Essas questões serão discutidas e aprofundadas na próxima etapa da pesquisa, em torno dos estilos de pensamento dos EFCT, uma tentativa de pensar os processos formativos, teóricos e metodológicos do campo e mesmo incluir publicações que possivelmente ficaram de fora.

Os trabalhos de pós-graduação, como dito, representam um espaço de formação de pesquisadores, cuja trajetória de (re)conhecimento, também a um campo (inter) disciplinar, se dará em outros espaços de circulação do conhecimento, como periódicos, livros, eventos, etc. Assim, entendo que o conjunto de publicações de pós-graduação constitui o campo, mas é possível que seja nesses outros espaços que se dê de forma mais concreta o (re) conhecimento, uma vez que é nesses espaços que os EFCT passam a figurar como tal.

Referências

- ADRIÃO, Karla Galvão. Encontros do Feminismo: Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. 2008. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e Educação: a paixão pelo possível. 1996. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARAÚJO, Sandro Marcos Costa de. Tecnologia e Relações de Gênero na Pastoral da Criança. 2004. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- BALASSIANO, Ana Luiza Grillo. Instituto de Educação do Rio de Janeiro: memória e trajetórias

- profissionais. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- BARCELOS, Gilsa Helena. Mulheres, meio ambiente e desenvolvimento: os impactos da monocultura de eucalipto sobre mulheres tupiniquim. 2008. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BASTOS, Maria Lúcia Moraes Pinto. Visibilidade e Empoderamento da Mulher Através da Internet. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BERGAMIN, Marta de Aguiar. Qualificação do Trabalho Feminino e Suas Representações Sociais. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BITENCOURT, Silvana Maria. “Gênero e Ciência: relevância e contemplação da temática no cenário brasileiro”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8-Corpo, violência e poder. Universidade Federal de Santa Catarina, Agosto de 2008.
- _____. Candidatas à Ciência; a compreensão da maternidade na fase do doutorado. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BITENCOURT, Silvana. Existe um Outro Lado do Rio? Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. O ser mulher educada/educadora e os (des)caminhos do feminino na educação. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BUENO, Telma Regina. Exame do Gênero Feminino em Documentos Linguísticos brasileiros no período de 1957 a 1994. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CABRAL, Carla Giovana. O Conhecimento Dialogicamente Situado: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC. 2006. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica.). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- _____. "Mapeamento de Publicações do Campo Interdisciplinar dos Estudos Feministas da Ciência e da Tecnologia". Projeto de pesquisa. Pandora-Grupo de Pesquisa Democracia e Gênero em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.
- _____. “Convenções em torno de argumentos de autoridade”. In Cadernos Pagu, v. 27, p. 35-61, 2006.
- _____. “Mapeando e refletindo a construção do campo disciplinar “Estudos feministas da ciência e da tecnologia” no Brasil nos percursos do “Fazendo Gênero”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8-Corpo, violência e poder. Universidade Federal de Santa Catarina, Agosto de 2008.
- CARVALHO, Marina Machado de. A Imagem e a Educação da Mulher do Positivismo – um estudo da condição feminina na filosofia de Auguste Comte. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação. São Paulo.
- CASAGRANDE Lindamir. Entre silenciamento e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática. 2011. Tese (Doutorado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- CASAGRANDE, Lindamir. Entre silenciamento e invisibilidades: relações de gênero no cotidiano das aulas de Matemática. 2005. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- CITELI, Maria Teresa. Sexualidade e diferença em construções científicas: estudos feministas e estudos sociais da ciência em paralelo. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Enfermeiras que Cuidam de Mulheres: conhecendo a

- prática sob o olhar de gênero. 2001. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CRUZ, Joliane Olschowsky da .Mulher na ciência: representação ou ficção. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DIAS, André Luis Mattedi. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: disputas e interesses na profissionalização da matemática na Bahia, 1896-1968. 2001. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERREIRA, Elaine Morais. As Pequenas Empresas e a Inovação Tecnológica Sob a Ótica das Mulheres. 2000. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FIGUEIREDO, Luiz Carlos. O Gênero na Educação Tecnológica: Uma análise de relações de gênero na socialização de conhecimentos da Área de Construção Civil do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso. 2008. Dissertação (Mestrado em em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. Verde-Rosa/Natureza-Mulher: um estudo de caso comparativo das relações de gênero em contextos tecnológicos distintos na Zona da Mata mineira. 1997. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- FLECK, LUDWICK. Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- GAZZANA, Raquel da Silva. (Des) Valorizando qualificações? Mudança tecnológica e gênero na indústria de confecção. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GONZAGA, Terezinha de Oliveira. A cidade e a arquitetura também mulher: conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GUEDES, Carlos Wagner Jota. Essa Moça tá Diferente: debates para o estudo da sexualidade feminina contemporânea. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- GUIMARÃES, Jaciane Pinto. . Projeto de Vida, Deslocamentos e Configurações Identitárias: marcas de gênero em mulheres doutorandas na UFV. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- GUSSO, Rita de Cássia Teixeira. A Mulher Contemporânea: Tecnologia e Prazer Feminino. 2006. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- HIDALGO, Sivonei Karpinski. A Educação de Jovens e Adultos no Município de Curitiba sob a Ótica de Gênero e Tecnologia. 2007. Dissertação. (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- HOTT, Sandra Regina Costa de Araujo. Conhecimento e Relações de Gênero: por um paradigma feminino. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- JESUS, Isamara Lima. As Marias Canasvieiras e a Participação Sindical:Sertãozinho ontem e hoje. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- KELLER, Evelyn Fox. Reflections on Gender and Science. New Haven/ London: Yale University Press, 1985.
- LIMA JÚNIOR, Paulo Roberto Menezes. Diferenças e semelhanças entre graduandos em Física com respeito ao gênero: uma análise das interações discursivas sob a perspectiva sociocultural. 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista. 2004.

Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOMBARDI, Maria Rosa. Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LOPES, Maria Margaret; COSTA, Maria Conceição da. “Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências”. In MORAES, Maria Lygia Quartim de (Org.). Cadernos Pagu. Gênero nas Fronteiras do Sul. Unicamp, 2005.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras’ nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil. In SILVA, Elisabeth Bortolaia (Editora) Cadernos Pagu, v. 10, p. 82-93, 1998.

LOPES, Maria Margaret. FLETRIN, Rebeca Buzzo, VASCONCELOS, Bruna Mendes de, ALENCAR, Maria de Cleófas Faggion.”Intersecções e interações: Gênero em Ciências e Tecnologias na América Latina”. In VESSURI, Hebe, KREIMER, Pablo, VELHO, Léa (Orgs.) Estudos Sociais das Ciências e Tecnologias na América Latina. Buenos Aires: Esocite, 2014, no

MACHADO, Cátia Barp. Paradigmas Emergentes e os Novos Objetos de Investigação: o gênero como exemplo. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MACHADO, Maria Lúcia Burer. O Cotidiano na Indústria Senegaglia (1936-1976): Hierarquias, (In) Disciplinas e Relações de Gênero em uma Fábrica Paternalista. 2003. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar? analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARAFON, Giovanna. O ser mulher educada/educadora e os (des)caminhos do feminino na educação. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MINELLA, Luzinete Simões. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. Cad. Pagu, Campinas, n. 40, Junho de 2013.

MONTAGNER, Maria Inez. Mulheres e Trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas. 2007. (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MORO, Claudia Cristine. A Questão do Gênero em Ciências. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Do Lar Para a Escola e da Escola Para o Lar: : mulher e educação em Minas Gerais no Século XIX (1834-1889). 1998. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUZI, Joyce Luciana Correira. De Escola de Aprendizizes à Universidade Tecnológica: desvelando a participação das mulheres na história de uma instituição de educação profissional. 2011. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

NARDELLI, Thaise. Vaidade, Uniforme e Graxa: As Relações de Gênero na Aprendizagem Industrial do SENAI PR. 2008. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

NARVAZ, Marta Giudice. A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem-se política. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NASCIMENTO, Tereza Cristina. O Potencial da Educação Tecnológica em Geração de Renda: Mulheres Rodeadas de Linguagem Gerando Conhecimento. 2002. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

NIQUINI, Cláudia Mara. Por detrás dos Ponteiros...interfaces do tempo no universo feminino, um estudo a partir das trabalhadoras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). 2008.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros.

NUERENBERG, Adriano Henrique. Gênero no Contexto Científico Brasileiro em Psicologia. 2005. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

OLIVEIRA, Elaine Zancanela de. Belezas Digitais: as representações femininas e as novas tecnologias de comunicação. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Eliana de. Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, Ricardo Santa Rita. Educação, Gênero e Modernidade: discursos e práticas educacionais no Brasil entre 1870 e 1910. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OSADA, Neide Mayumi. Fazendo Gênero nas Ciências: uma análise das relações de gênero nas ciências na produção do conhecimento o projeto genoma da Fapesp. 2006. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. As Mulheres na Produção Familiar do Algodão em Leme. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PEREIRA, Juliana Cardoso. Ser Cientista: tensões entre gênero e ciência. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PEREIRA, Wilza Rocha. A Enfermeira e o seu Papel: uma abordagem a perspectiva do gênero. 1995. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo.

PFAEFFLE, Amalia Eugenia Fischer. Mídia e Cartografias Feministas: estratégias comunicativas e micropolíticas. 2001. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PINTO, Gisele. Gênero, Raça e Pós-Graduação: um estudo sobre a presença de mulheres negras nos cursos de mestrado da Universidade Federal Fluminense. 2007. Dissertação (Mestrado em Política Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

POZZI, Alejandra Ana Rotania de. Novas Tecnologias Reprodutivas e Genéticas, Ética e Feminismo: a celebração do temor. 1998. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Adelia Maria Miguevív. Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcelos: entrelaçamento de “círculos” e formação das Ciências Sociais na cidade do Rio de Janeiro. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ROCHA, Cristina Tavares da. Gênero em Ação: rompendo o teto de vidro? (Novos Contextos da Tecnociência). 2006. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROCHA, Elaine Pereira. Entre a Pena e a Espada. A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, indigenismo e feminismo. 2002. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROHDEN, Fabíola. Uma Ciência da Diferença: sexo, contracepção e natalidade na medicina da mulher. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SALVADOR, Sileide France Turan. Gênero na Engenharia: O Corpo Docente em Curitiba/PR. 2010. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

SILVA, Erineusa Maria da. As Relações de Gênero no Magistério: a imagem da feminização. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

- SILVA, Naci Stancki. eestruturação Produtiva e Gênero: um estudo de caso em duas empresas de linha branca. 2005. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SILVA, Valter Cardoso da. A Educação Atrás das Grades: Representações de Tecnologia e Gênero entre Adultos Presos. 2006. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- SILVA, Vera Regina Resnauer Taques da. Gênero e Trabalho: Um Olhar Sobre Uma Indústria de Eletrodomésticos em Curitiba. 2006. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- SIQUEIRA, Vilma da Silva. Mulher: entre o lar e o status de professora, uma questão de educação. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- SOARES, Cristiane. Os Impactos das Novas Tecnologias no Empregi, Gênero e Qualificação nas Atividades de Escritório. 2001. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- SOARES, Maria Gorete Pedroso. A Virtualização da Mulher nos Meios de Comunicação. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SOBREIRA, Josimeire de Lima. Estudantes de Engenharia na UTFRP: Uma Abordagem de Gênero. 2006. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- SOMBRI, Mariana Moraes de Oliveira. Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil - Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951. 2007. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SOUSA, Tatiana de. Tecnologias Políticas do Gênero no Brasil – As Contribuições do Pensamento de Maria Lacerda de Moura 2009. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- SOUZA, Antônia Egídia de. Gênero no Contexto da Reestruturação Produtiva: algumas dimensões esquecidas (ou muitas dimensões esquecidas. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- STEIN, Maria de Lourdes Tomio. Gênero feminino no trabalho fabril: setor eletroeletrônico em Curitiba e região metropolitana na década de 1930. 2000. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- TEIXEIRA. Elizabeth Menezes. A Ideologia do Feminino na Formação do/a Enfermeira/o. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TONHOZI, Teliá Negrão. Ciberespaço, via de empoderamento de gênero e formação de capital social. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TROTTA, Tatiana de. Estudo das Representações sobre as Relações de Gênero: Análise de Propagandas Veiculadas entre 1961 e 2001. 2002. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- VASCONCELOS, Bruna Mendes de. 2011. Gênero, Tecnologia e Economia Solidária: reflexões a partir da experiência de uma associação de mulheres agroecológicas. 2011. Dissertação (Mestrado em em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VASQUEZ, Cezar Rogelio. Evolução na Produção de “Software” - novas ocupações e oportunidades de emprego e o trabalho da mulher (estudo de caso Data-Prev). Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.